Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:003

10 DE NOVEMBRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

PADRE MANOEL ANTONIO GOMES HIMALAYA

INVENTOR DO PYRHELIOPHÓRO

Chronica Occidental

Se, em vez d'este titulo, outro especial houvessemos de escolher para cada uma d'estas chronicas, pequeno seria agora o nosso embaraço. Um titulo se impunha, unico, cheio de logica, para contar o que se passou n'este espaço de dez dias: Temporaes!

Tem-os havido por toda a parte; em todos os campos de Portugal, com risco da proxima colheita da azeitona; na politica com varios sustos das instituições; nas differentes assembléas, nos lares conjugaes. E ainda outros se annunciam e variadissimas depressões atmosphericas pelas alturas de S. Bento!

Andam de prevenção as marinhagens, que não ha meio de apagar nos camaroeiros os tres pharolins encarnados.

Que bategas d'agua cahiram n'estes dias em Lisboa! Domingo não cessou a chuva um só instante. E ainda assim, os theatros encheram, tão faminta dos espectaculos d'inverno andava a população. Mas no dia seguinte ainda foi peor. O bom S. Martinho tem continuado a esquecer-se da boa fama que conquistou. Como devem os dois jornalistas japonezes que ahi estão, de contar para os seus jornaes maravilhas da nossa primavera eterna!

Algumas tragedias houve, porque os raios do céo, que não avisam, são muito mais terriveis que differentes raios com que diversos jupiters tunantes nos ameaçam, mas nunca largam das unhas, mesmo dado o caso que, alguma vez, nas unhas os tivessem. Aquelle que cahiu no logar da Abobada, freguezia de S. Domingos de Rana, matou um homem; por ora não ha outras mortes a mencionar. O temporal ronca; chega e ouvem-se uns trovões ao longe; mas os differentes jupiters conteem-se, e não ha por emquanto novidade maior.

Cahiu o raio n'uma tenda, onde alagada de chuva, muita gente se reunia. Todos cahiram, mais ou menos assombrados, quando, com estrondo medonho, a faisca electrica, destruindo o telhado e furando as paredes, veio matar o desgraçado que deixa viuva e uns poucos de filhos.

Não nos diz o jornal, em que lemos o caso, a profissão do homem, que assim tão sem dar por isso cahiu fulminado Quem morre nem sequer vê o relampago, dizem, e muito menos ouve o estrondo do trovão. Era um homem do povo com certeza. Ha-de choral-o a mulher, hão de choral-o os filhos se já tiverem edade para chorar desgraças. D'aqui a alguns dias, ninguem mais se lembrará do que vai apodrecendo no cemiteriosinho da aldeia.

Contra outros mais altamente collocados vão-ss coleras accumulando. Mas por ora não ha perigo, imminentes. Não ha perigo emquanto os trovões ribombarem antes que luzam os relampagos. Para outro genero de tempestades vão-se voltando as attenções.

Foi na camara dos pares a maior de todas. A primoroso discurso, na vespera recitado pelo sr Hintze Ribeiro, havia respondido o sr. João Franco, como distincto orador. E' uma qualidade que ninguem lhe discute, a da eloquencia. Falou sobre a maneira de manter-se a ordem, que foi como se dissesse qual o seu preferido systema de pára-raios. Os governos, disse, devem procurar afastar todos os protestos de justificados clamores. A defeza de nm regimen não se consegue com medidas violentas. Os governos devem desenvolver-se na procura de meios de tal forma beneficentes para o paiz, que ninguem se sinta com animo de protestar. E terminou dizendo que é seu proposito orientar-se pela opinião publica, para favorecer os interesses do paiz.

Calmaria completa, como se vê, o que é muita vez annuncio de temporal.

Mas não tardou este a desabar.

Mais uma vez, as cartas de El rei foram o motivo da discordia, devendo accrescentar-se que umas referencias do sr. Arroyo ao sr. Marquez do Souveral sobre sua estada no paço, e um riso do sr. conde de Figueiró, que o sr. Arroyo julgou provocador, já haviam annunciado a tormenta que prestes se desencadeou. Continuando o seu

discurso, foi o orador interrompido mais de uma vez, pelas observações do sr. presidente da camara, que, pouco depois, pondo o chapeu na cabeça, deu a sessão por terminada. Foi então que o ciclone entrou na sala. Acaloraram-se as discussões. O sr. conde de Figueiró bradou exigindo que lhe fosse dada a palavra. Levantou-se entre os srs. Francisco José Machado e Ressano Garcia uma acalorada discussão, separando-os alguns amigos communs. Falava se á noite em dois duellos, mas eram exagerados os boatos.

A' hora em que escrevemos esta chronica, devem os pares do reino estar entrando no edificio das côrtes. Quarenta e oito horas de intervallo entre as duas sessões devem ter esfriado os animos e com ellas terão produzido effeito os prudentes conselhos do sr. presidente Augusto José da Cunha. Diz-se entretanto que o sr. João Arroyo não desistirá das suas tenções de discutir as cartas de El-rei.

A politica é fonte sempre das maiores surprezas. Com os quatro deputados republicanos eleitos por Lisboa, ninguem suppunha que fosse a camara dos pares a chamar toda a attenção dos politicos.

Deputados republicanos por Lisboa, vereadores republicanos no Porto! Mas ainda elles se não mostram satisfeitos e diz a *Lucta* a este proposito: «A' conquista do municipio do Porto ha de seguir-se a conquista do municipio de Lisboa. E uma vez em nosso poder as duas principaes cidades do reino, o resto pouco vale.»

Outros jornaes republicanos mostram o mesmo enthusiasmo.

O vento sopra do sul. Durante as noites, embala-nos o somno a chuva a cahir em jorros das biqueiras. Nuvens muito baixas, mal por detraz d'ellas o sol começa a descer, obrigam-nos a accender a luz. De quando em quando, um trovão violento sacode-nos as vidraças. Todos os dias nos chegam noticias de naufragios no mar e de grandes prejuizos em terra produzidos pelas fortes chuvadas.

Tambem na grande sala da Sociedade de Geographia, onde se reuniram os vinicultores do sul, a discussão não correu serena. Tratava-se de protestar contra o decreto que favoreceu os viticultores do norte.

Seis mil viticultores ali se reuniram e por vezes protestaram violentamente contra o sr. Salles Henriques que se manifestou contrario á proposta do sr. D. Manuel de Noronha, para que fosse nomeada uma commissão encarregada de ir ao parlamento e de falar com o sr. presidente do conselho. Approvada a proposta por acclamação, foi a reclamação levada ao parlamento pelos membros que compunham a mesa, presidentes das camaras municipaes e pelos delegados das associações. A' frente caminhavam os deputados, srs. D. Miguel Pereira Coutinho e Dr. Oliveira Feijão.

Na camara dos deputados foram recebidos pelo sr. dr. Teixeira de Abreu, que prometteu dar contas á camara da representação, fazendo todo o possivel para que os interesses de todos fossem attendidos.

Esperaram depois que a sessão da camara dos pares — a agitadissima sessão de que já fallámos — terminasse, e n'uma das salas da camara foram recebidos pelo sr. presidente do conselho.

O sr. dr. Pinto Coelho, presidente da mesa, leu a representação e insistindo por uma resposta que não fossse anodyna e sem significação, obteve do sr. João Franco a promessa de que tudo seria attentamente estudado pela commissão da camara na qual a Associação da Agricultura está representada pelo deputado, sr. Oliveira Feijão. E accrescentou que o governo faz questão de beneficiar o Douro, mas que não quer de fórma alguma prejudicar o sul do paiz.

As oito horas e meia da noite é reaberta a sessão na Sociedade de Geographia. Novamente o sr. Salles Henriques quer falar, mas outra vez é recebido com pateada e vozearia. Falam differentes oradores e finalmente é approvado um alvitre relativo á régie da aguardente e outro á restricção do plantio.

Era já grande o cançasso de todos, quando, no principio da debandada, o sr. D. Manuel de Noronha, trepando a uma cadeira, lembrou que o sr. João Franco pediu alvitres sobre a questão do privilegio da barra do Douro, e propoz que uma commissão fosse nomeada para tratar do assumpto. Ficou composta pela mesa, com poderes para aggregar quem entendesse.

Mas não passou a sessão sem uns trovõesitos.

Para que de todos os temporaes dessemos conta, ainda uma linhas deveriamos a esta chronica accrescentar sobre o que se passou n'um lar conjugal e que tanto pelo final da tragedia commoveu Lisboa. Uma adultera, um amante assassinado, um marido que se vinga, desgraçado que todas as sympathias está merecendo, seriam talvez assumpto para um drama, outro *Velho thema*. Velho! Poderiamos até dizer estafado. Demais já se falou do caso. Concede-se-lhe ainda um bocadinho de piedade e a mais o silencio, que é sempre o melhor.

João da Camara.

P.[e] Manoel Antonio Gomes Himalaya

INVENTOR DO PYRHELIOPHÓRO E DA HIMALAYTE

Tendo hoje a satisfação de apresentar a nossos leitores o retrato mais moderno do P.[e] Himalaya, assim como a reproducção em gravura do celebre aparelho de sua invenção, o Pyrheliophóro, podemos ampliar com mais alguns dados o que a respeito do inventor se disse em a *Chronica Occidental* do n.º 999 e em o n.º 1000 desta revista, e bem assim o que nesse numero ficou dito sobre o formidavel aparelho, inserindo agora uma descrição autenticada pelo proprio inventor, como ainda não veio a publico, e quaes as aplicações praticas, quer no dominio propriamente da ciencia ou no industrial, pode ter este extraordinario invento.

O Padre Himalaya é hoje uma gloria portuguêsa, e por isso tudo que a seu respeito se possa dizer terá para o publico a curiosidade que despertam os homens privilegiados por seus talentos e obras extraordinarias.

Dizer como o P.[e] Himalaya fez os estudos e chegou aos resultados, que já são do dominio publico e com os quaes assombrou esse novo mundo que se chama a America do Norte, é do maior interesse atual, para que este nosso compatriota possa ser devidamente apreciado no seu pais, como o tem sido em paises estrangeiros.

Manoel Antonio Gomes Himalaya nasceu a 9 de dezembro de 1868 em Cendufe, concelho de Arcos de Val-de-Vez, e estudou no Seminario de Braga onde concluiu o curso em 1890. Naturalmente inclinado ao estudo das ciencias positivas, o estudo de quimica fez-lhe nascer a ideia de fertilisar a terra por processo analogo ao de que despôs a natureza em tempos remotos, preocupação que o acompanhava desde os doze annos de idade, quando trabalhando no campo com seu pae e seus irmãos, observou que só á força de adubos a terra produsia algum fruto.

Em 1889 tinha já ideias definidas sobre o assunto; com deficuldade, porém, proseguia seus estudos pois lhe faltavam os meios, na situação em que ao tempo se encontrava de um modesto professor de fisica e de quimica no Colegio da Visitação, no Porto.

Foi ahi que, expondo o P.[e] Himalaya as suas ideias de beneficio para a humanidade, uma respeitavel senhora que assistia a essa exposição, compreendendo o alcance d'aquellas ideias, se prontificou a subsidiar os estudos do modesto professor, em França, onde ella tambem tinha seguido cursos cientificos na Sorbonne.

Essa senhora, natural de Minas Geraes, no Brasil, mas educada em Portugal, chama-se D. Emilia dos Santos, e graças á sua genorosidade poude o Rev.[do] Himalaya seguir seus estudos em Paris durante dois annos, em que conseguiu construir dois primeiros aparelhos para experiencias. A sua protetora, porém, não despunha de tão grande fortuna que podesse continuar com o encargo que tão expontaneo quanto generosamente tomara, e nestas circunstancias o Rev.[do] Himalaya foi então auxiliado por Mr. Adolphe Démy, um entusiasta por todos os progressos da ciencia, que não duvidou prestar o seu concurso ao já considerado sabio português. Por fim uma distinta dama da sociedade portuguêsa, a quem o Padre Himalaya foi apresentado em Londres, quiz tomar a seu cargo o custeio da continuação dos estudos para levar a cabo seus projétos.

Foi assim que o Rev.[do] Himalaya poude realisar as suas justas aspirações.

Os resultados obtidos pelo sabio português representam 17 annos de aturados estudos, dos quaes 10 feitos em Portugal e 7 no estrangeiro.

Ciencias matematicas e fisicas estudou-as o Rev.[do] Himalaya na Escola Polytechnica de Paris e no Collegio de França. Aperfeiçoou-se em quimica experimental nos laboratorios da Escola Nacional das Artes e Oficios e nos da Universidade de Paris. Fez observações astronomicas no Observatorio de Meudon, especialmente destinado a estudar o Sol, e no Observatorio de Paris fez estudos sobre os planetas, estrelas, cometas e nebulosas.

Eis as notas que podemos obter sobre a forma por que o Rev.[do] Himalaya realisou seus estudos e chegou a construir o seu extraordinario Pyrheliophóro cuja descrição autentica segue:

O Pyrheliophóro

O Pyrheliophóro é o mais poderoso concentrador de raios de calor e luz que jamais se inventou e construiu.

Como concentrador de raios calorificos este instrumento póde incluir-se na classe dos Espelhos Ardentes.

Como concentrador de raios luminosos o Pyrheliophóro é um aparelho d'Otica e de Astronomia que póde considerar-se ou como um enorme heliostato, ou como um telescopio de sistema inteiramente novo e de poderes até hoje desconhecidos.

Na impossibilidade de apresentar n'esta Revista uma monografia completa dêste extraordinario aparelho, vamos apenas descrevel-o summariamente e indicar quaes poderão ser as suas aplicações, quando for possivel construil-o industrialmente.

O Pyrheliophóro é fundamentalmente composto: 1.º d'um gigantesco Reflector ou espelho ardente; 2.º d'um Equatorial; 3.º d'um Forno e 4.º d'um aparelho de relojoaria.

O Reflector ou espelho ardente é um sector parabolico tendo 80 metros quadrados de superficie.

O P.[e] Himalaya, como consequencia de estudos especiaes que fez nos dominios da Otica descobriu a forma e propriedades d'este sector parabolico em 1900 (21 de Agosto).

A forma d'este Reflector percebe-se mais facilmente em presença das nossas fotogravuras do que se descreve.

E' uma fatia ou secção tirada d'um gigantesco espelho parabolico e cortada do lado da base e do vertice.

A parte Otica do Reflector é formada por 6117 pequenos espelhos de cristal fino prateado tres vezes na parte posterior. Cada espelho é fixado ao arcabouço ou armadura de aço que constitue o enorme Reflector, por meio de tres parafusos especiaes envolvidos numa mola espiral.

Desta forma cada espelho é ajustado sobre o foco com um rigor matematico, quaesquer que sejam as deformações do arcabouço de aço.

As operações de ajustagem dos espelhos são feitas por meio de dois novos instrumentos de matematica tambem inventados pelo P.[e] Himalaya.

Cumpre porém advertir que o inventor adotou este sistema de numerosos espelhos elementares por motivos de economia; sendo o seu plano empregar apenas 80 espelhos elementares feitos de latão de aluminium prateado tendo cada espelho cerca de um metro quadrado de superficie reflectora.

Este processo será extremamente economico desde que haja uma fabrica installada com aparelhos especiaes para produsir rapidamente e com a requerida precisão estes grandes espelhos metalicos.

O Equatorial do Pyrheliophóro é uma especie de berço de secção trapezoidal, assás dificil de comprehender mesmo á vista das nossas fotogravuras; esse Equatorial ropousa sobre dois suportes por meio de fortes eixos de aço.

Os suportes serão iguaes no Equador e muito desiguaes nas nossas latitudes por causa da inclinação do eixo da terra.

Os eixos do Equatorial giram sobre chumaceiras especiaes, ficando desta forma a fricção reduzida ao minimo praticamente possivel.

O Reflector é montado no meio dêste Equatorial e move se sobre dois eixos lateraes e sobre um trilho que se encontra numa viga em forma de sector esferico facilmente visivel na parte inferior do Equatorial

O Forno é um grande cilindro de aço forrado de tijolos de magnesia, e está montado sobre as armaduras do Reflector á distancia de 10 metros (vae marcado com a lettra F).

Tem uma grande abertura na frente por onde entra o formidavel cone de raios solares, e tem varias aberturas lateraes e posteriores para introdusir os materiaes que se desejam fundir, ou para fazer estudos de ordem cientifica.

O Forno tem um movimento de rotação para neutralisar o deslocamento do Equatorial exigido pelo movimento aparente do Sol.

O aparelho de relojoaria é um prodigio de força e precisão mecanica, sendo capaz de conservar automaticamente o Pyrheliophóro em foco rigoroso durante o dia inteiro.

Este instrumento encontra-se no meio das fundações do suporte mais pequeno e transmitte a sua áção a uma grande roda helicoidal que se vê nas nossas gravuras.

O trilho em forma de arco de circulo que se vê na parte inferior do Equatorial está graduado; Desta maneira conhecendo o dia do anno e a hora do dia, basta subir ou descer convenientemente o reflector, por meio de aparelhos especiaes para ajustar o Pyrheliophóro na direção do eixo do Sol.

Em seguida põe-se em movimento o aparelho de relojoaria e o formidavel foco de calor lá vae formar-se no centro do forno e lá se conserva todo o dia sem tocar sequer os tijolos refractarios, que, se por uma falsa manobra o foco tocasse esses tijolos, ainda que sejam de magnesia, fundiriam immediatamente.

Se a Terra e o Sol estivessem immoveis no espaço, a invenção do P.ᵉ Himalaya estaria completa desde 1900. Mas como aparentemente o Sol tem um movimento em torno da Terra, o Pyrheliophóro tem de seguir esse movimento e de ahi nascem dificuldades inimaginaveis que só uma paciencia heroica podia resolver.

Como se vê o Pyrheliophóro não é unicamente uma invenção dum engenhoso e perfeitissimo espelho ardente, mas sim é um novo organismo fisico e astronomico resultante de numerosas invenções de ordem Ótica e Mecanica.

Aplicações do Pyrheliophóro

Ninguem póde prever ainda que série de revoluções este precioso instrumento vae fazer no campo puramente cientifico e ainda no industrial.

Apenas nos é licito conjéturar que o Pyrheliophóro vae determinar a creação dum novo capitulo na Fisica, a seguir ao Calor Radiante, capitulo que talvez venha a chamar-se *Heliodynamica*, ou melhor *Thermheliodynamica*, e que tratará especialmente da origem e naturesa do calor e luz solar e suas aplicações industriaes.

Além disso o Pyrheliophóro permitirá a fixação experimental do que o P.ᵉ Himalaya denominou o

Supremo Grau de Calor.

Vamos explicar o que é o Supremo Grau de Calor.

Todos sabem que ha de existir um limite para o frio, quer dizer, um ponto onde a morte da materia seja completa e além do qual nada possa existir mais frio. Esse ponto chamado *zero absoluto* foi determinado pelos calculos do grande fisicista inglês, Lord Kelvin, e fixado em — 273° C (273 graus centigrados abaixo de zero).

O P.ᵉ Himalaya em virtude de calculos de ordem fisico-matematica descobriu que deve haver um limite para o calor, quer dizer um grau onde a atividade da materia seja suprema e além do qual nada possa existir mais quente, visto o Eter haver atingido o limite da vibração termica.

Esse grau extremamente alto, que é o segundo polo do mundo do Calor, foi denominado pelo P.ᵉ Himalaya «O Supremo Grau de Calor», e já está matematicamente determinado, embora o autor não deseje publicar o resultado dos seus calculos, antes de proceder as novas experiencias com um aparelho capaz de produsir um foco de calor ainda muito mais intenso do que aquelle que já atingiu, com o seu aparelho que expôs na America.

— Naturalmente o novo aparelho tem de ser dispendioso — cerca de 50 contos de réis — e o inventor não dispõe de similhantes capitaes.

Eis a razão porque elle teve de interromper esta brilhante carreira de estudos de uma originalidade e importancia extrema.

Outra aplicação cientifica do Pyrheliophóro será o ser transformado num telescopio de enorme poder, capaz de nos permitir o estudo minucioso da superficie do Sol e dos Planetas e a visão real do disco das Estrelas mais proximas.

Como é sabido, os maiores telescopios refringentes que hoje existem, não recolhem mais de um metro quadrado de luz normal.

O gigantesco Pyrheliophóro que o P.ᵉ Himalya, apresentou na Exposição Internacional de Saint Louis, America do Norte, em 1904, e que ainda lá se conserva, recolhe mais de 60 metros quadrados de luz normal.

Dos estudos do inventor deduz-se que, por preços acessiveis, se podem construir aparelhos capazes de recolher mais de 200 metros quadrados de luz normal, o que já permetiria descobrir des intamente o disco de muitas estrelas e proceder a estudos diretos sobre a sua constituição fisica, causas das diferenças de luminosidade e outras questões interessantissimas, estudos que até hoje tem sido totalmente impossiveis.

O proximo aparelho que o P.ᵉ Himalaya deseja construir não terá mais de 60 metros quadrados de superficie normal reflectora e por isso não permitirá ainda a visão nitida dos discos de muitas estrelas.

Espera, porém, o inventor que muitos misterios que o Sol, a Lua e os Planetas, Cometas e Nebulosas nos ócultam, hajam de ser desvendados por meio dêsse já formidavel reflector.

Utilidade Industrial do Pyrheliophóro

Não é preciso ser um grande profeta para prever que um foco de calor extremamente, intenso como aquelle que o Pyrheliophóro produz, sem gastar combustivel, utilisando unicamente os raios gratuitos do Sol, não pode deixar de ter numerosas aplicações industriaes.

Como é sabido, o maior grau de calor até hoje alcançado é o do arco elétrico cuja temperatura está fixada em 3.500 graus centigrados.

Essa temperatura, porém, não é o grau extremo do calor, muito longe disso...

O P.ᵉ Himalaya, mesmo com o seu Pyrheliophóro de Saint Louis, feito com capitaes mais que moderados, já ultrapassou a temperatura do arco elétrico, chegando a 3800 C.

E' claro que, com um aparelho de maior precisão, atingirá um grau de concentração muito maior, e, por consequencia, uma temperatura muito mais elevada.

Em presença d'essa altissima temperatura, a materia vae ser exposta a condições inteiramente novas; e o inventor presagia que talvez tenhamos de assistir a fenomenos fisicos e quimicos totalmente imprevistos e valiosos.

O que dará o Carbone volatisando violentamente n'esse foco terrivel?

Que estado molecular tomará o Boro e o Silicium?

Que transformações experimentará o Cobre, o Estanho, o Ferro e todos os metaes?

E o Azote da atmosfera, esse precioso fertilisante que até hoje vê impassivel as nossas cearas a estiolar de fome sem se dignar fornecer-lhes umas miseras gotas do seu sangue estimulante e creador; a que estado ficará esse Azote reduzido quando o terrivel foco do Pyrheliophóro vier reanimar os seus atomos, imprimindo-lhes o vigor da vibração suprema?

— O futuro o dirá! Mas é-nos licito predizer que immensos orisontes industriaes estão reservados ao Pyrheliophóro e que talvez dentro em poucos annos muitas regiões, até hoje desoladas pela intensidade extrema dos raios solares, como a Arabia e o Sahara, virão a tornar-se átivos centros de industria e fátores predominantes na economia das nações.

Perspétiva Comercial — Notas diversas

O P.ᵉ Himalaya, logo que acabou de armar o seu aparelho no recinto da Exposição de Saint Louis, teve uma proposta dum sindicato de capitalistas americanos que nos parece teria sido vantajosa, mas que o inventor não pôde aceitar por motivos que a sua consciencia de português e de homem de ciencia lhe imposeram.

Desejava esse sindicato fazer uma vedação de madeira em volta do aparelho, e obrigar os milhares de visitantes que lá afluiam, a pagar meio dollar (cerca de 500 reis) por pessoa, para verem a maravilha de Otica e de Mecanica que era o Pyrheliophóro e os fenomenos extraordinarios que elle produsia.

Para isso era necessario consentir que se fizesse um reclame furioso, como só na America se sabe fazer, e era indispensavel dizer mais do que a verdade para atrair o povo em massa.

O P.ᵉ Himalaya que estava ali para dar á bandeira portuguêsa uma das maiores honras que ella jámais recebeu em qualquer tempo da Historia, não queria que se dissesse senão a verdade pura e simples, e não admitia palhaçadas que deshonrassem o sagrado emblema da Patria o qual flutuava ao lado do seu prodigioso invento.

Para condescender com as exigencias do sindicato americano, era necessario, ou envergonhar, pelo menos até certo ponto, a bandeira da Patria, fazendo-a cobrir exageros e ganancias demasiadas, ou então pôr de parte esse sagrado emblema, deixando ficar só a bandeira americana que de nada seria responsavel.

O P.ᵉ Himalaya, pobre, mas digno filho de Portugal, recusou a enorme somma de 250.000 dollars (cerca de 250 contos de reis), e preferiu sacrificar tudo em homenagem á sua Patria.

Em compensasão, a Patria, é claro, nem nelle pensou, e elle tambem nunca se queixou disso, por que não serviu a Patria para della receber recompensas.

Serviu-a por amor, por adoração, e com isso ficou satisfeito.

Mas os sabios estrangeiros, que compunham o juri internacional na classe de Fisica e Astronomia, não esqueceram o obscuro e desprotegido obreiro da Ciencia.

Pelo contrario, admirados do que elle, com tão poucos recursos, conseguiu, deram-lhe o maior galardão de que podiam dispor: um *Grand Prix* (honras de primeiro premio) para elle, e duas Medalhas de Ouro e uma de Prata ás pessoas que o ajudaram a atingir similhantes resultados, benemeritos a que já nos referimos.

Quando se viu que os sabios allemães, francêses, inglêses e outros não receberam mais duma medalha de ouro por notaveis inventos que apresentaram, e quando notamos que o P.ᵉ Himalaya estava ali sósinho, sem influencias politicas, sem o poder e prestigio do dinheiro, sem o auxilio de amigos, não nos resta duvida alguma que muito prodigiosa deve ser a sua invenção, e muito sublime o espirito de justiça dos homens de ciencia, que cobriram de louros o nosso compatriota, para não duvidarem conferir-lhe o que foi realmente o maior premio e a maior honra da colossal Exposição Americana. E' evidente que essa honra reverteu sobre Portugal, e ha de tradusir-se em vantagens comerciaes que a seu tempo se verão na venda dos nossos produtos. O país ficou conhecido em toda a America e em todo o mundo como um pais onde ha mais do que vinho do Porto, cortiça e pescadores............

....

Depois da grande Exposição, o P.ᵉ Himalaya ficou na America a estudar a fundo a lingua Inglêsa e a escrever um livro contendo uma exposição autentica dos seus descobrimentos cientificos.

Esse livro escrito em inglês está muito adiantado, e o inventor já o teria dado á luz se, circumstancias adversas, disso o não houvessem impedido.

OBSERVAÇÕES. — A palavra Pyrheliophóro foi inventada pelo P.ᵉ Himalaya. Elle proprio foi encarregado de fixar a ortografia e a pronuncia do novo termo em quasi todas as linguas europeas e asiaticas.

Em Português, Hespanhol, Italiano, Romaico, Russo, Polaco, Grego moderno, Albanés, Turco, Arabe, Japonês e nos dialétos Industanicos e Chinêses a forma e a pronuncia d'este termo é invariavelmente, Pyrheliophóro, que se pronuncia *pireliófóro*, sendo todas as vogaes francamente abertas e sonoras, e o acento tonico colocado sobre a silaba *phó*.

Portanto a terminação do termo Pyrheliophóro sôa como ignóro, melhóro, evapóro.

E' certo que ha em Português um precedente contrario a esta prosodia: E' a palavra *phosphoro*. Esta palavra veio-nos do Francês *phosphore*.

O tradutor e introdutor do termo escreveu em Português Phosphoro e deu-lhe uma pronuncia surda e abafada *(fósfuro)*, saindo a palavra toda duma expirição desordenada, desgraciosa, incommoda e tão contraria ao espirito da lingua, que não ha palavra portuguêsa que com ella rime.

O P.ᵉ Himalaya, autor do termo Pyrheliophóro, justifica a sua prosodia dizendo que a verdadeira pronuncia da palavra Francêsa *phosphore*, devia ser *fósfóro*, com as duas primeiras silabas abertas, e o acento tonico na penultima.

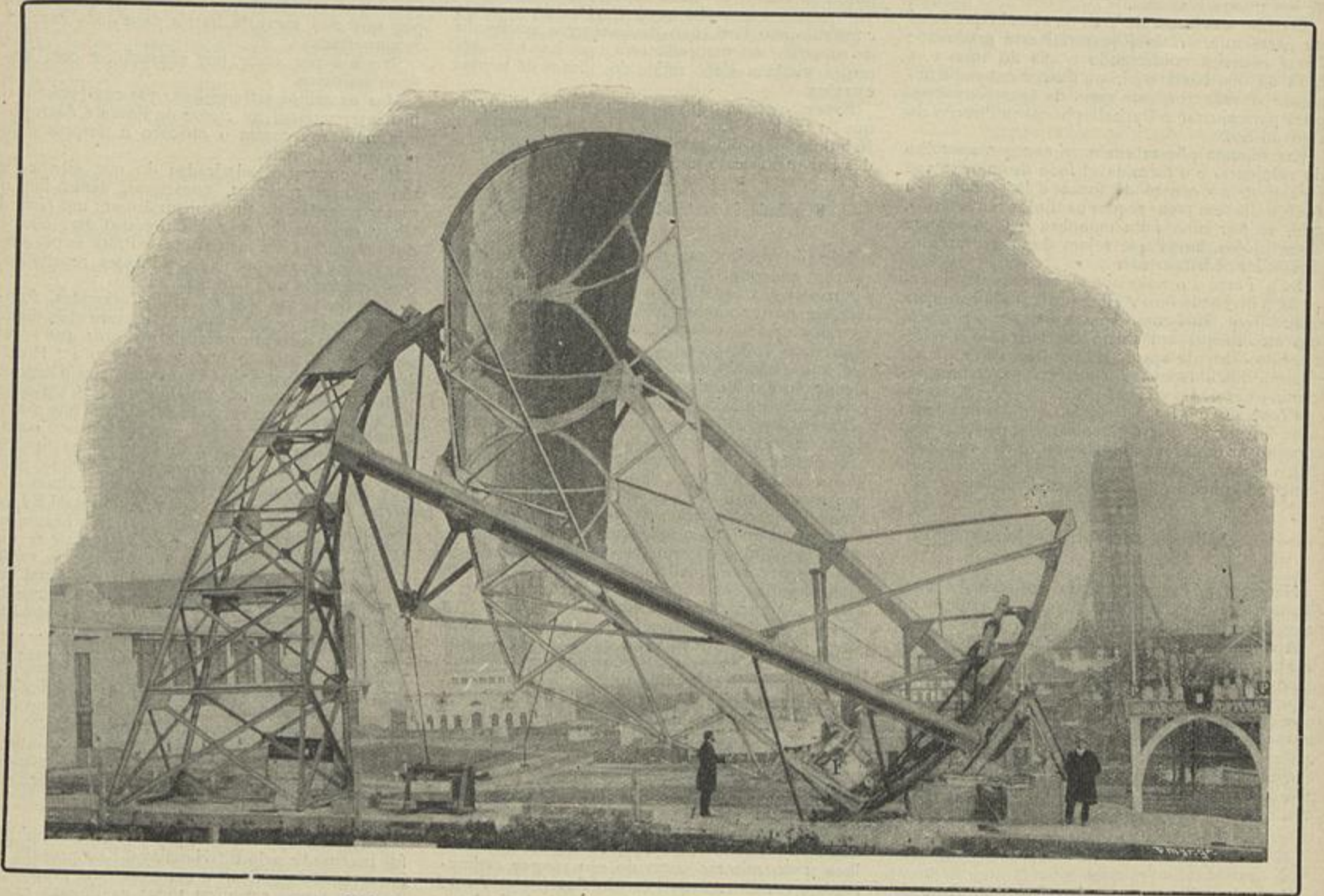
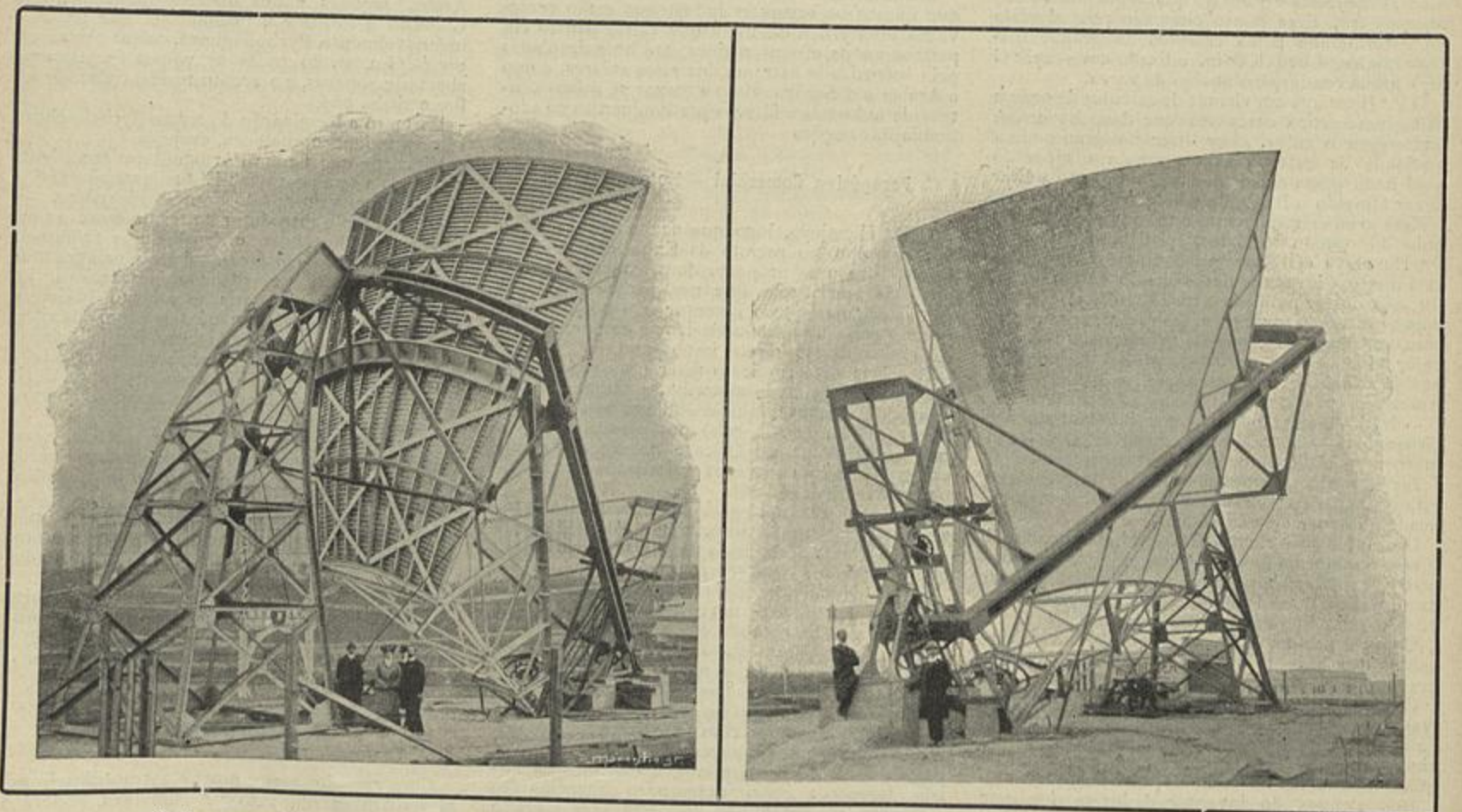
Hoje é tarde para remedear esse erro, e, neste infelis termo (phosphoro) temos de deixar surdo e abafado o bello sufixo Grego *phoros* que indica movimento, graça e ácão.

O erro passado não tem cura; mas isso não quer dizer que fiquemos agora eternamente escravos do mau gosto esdruxulo do nosso avô tradutor de *phosphore*.

Digamos pois muito portuguêsmente e muito francamente *Pyrheliophóro*, porque assim pronuncia o autor do termo que é um portuguêz e em homenagem a elle e ao bom gosto assim pronunciará a maior parte da humanidade.

A Himalayte

Com respeito a este novo e extraordinario explusivo inventado pelo P.ᵉ Himalaya, poderá o leitor vêr o que ficou dito á paginas 219 d'este volume n.º 1000, a que mais não temos a acrescentar.

O Pyrheliophóro do Padre Hymalaya

O Pyrheliophóro armado na Exposição de Saint Louis, visto de perfil

O Pyrheliophóro, lado convexo do espelho

O Pyrheliophóro, lado concavo do espelho

(Fotografias tiradas na Exposição de Saint Louis)

Reunião dos vinicultores do Sul e do centro, na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia de Lisboa, em 7 do corrente

Vid. Chronica Occidental

(Cliché Benoliel)

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

(Continuado do numero antecedente)

CAPITULO I

Sumario

Da antiga Cotovia ao alto do Maquê- de Penalva — A decadencia de um bairro — Busca-se insistentemente a origem do termo — As «*Memorias das notas de Santarem*» e o «*Nobiliario de Manço de Lima*» — Aparece em scena Francisco Soares de Sequeira — Quem era este fidalgo — Onde assentava a quinta da Cotovia — Diferentes suposições etimologicas — Um documento valioso — Os conventos da Annunciada e de S.to Antão, o velho — A Travessa da Cotovia — Formula o autor uma nova conjectura quanto a etimologia do termo — Sua possivel justificação.

As variantes topograficas porque passou a Cotovia ficaram já ligeiramente esboçadas. Iremos estudar agora mais minuciosamente o extinto arrabalde, averiguar a sua origem, desfiar memorias locaes, desenterrar do esquecimento factos e tradições que porventura se ligarem á atribulada existencia da perseguida ave que, depois de imperar em extensissimos tratos de terreno, veio, com o andar dos tempos, a pompear mal-afamadamente nas paragens do Principe Real os restos miseraveis de uma opulenta soberania.

O já tambem extinto «Alto do Marquês de Penalva» foi o ultimo pousio da infeliz Cotovia, a quem quinhentos annos de existencia davam jus á exibição classica e barata do seu nome na placa denominativa de uma praça, de um arruamento ou de um beco, com muito mais razão do que ilustres desconhecidos que os municipios vão comemorando em vida, com o receio talvez de que a posteridade, cuja memoria, não é infinita se esqueça absolutamente delles.

*

De onde proviria, qual seria a origem da misteriosa ave que por tanto tempo dominou este arrabalde, não m'o disseram os inumeros documentos que consultei.

Em busca da decifração deste enigma historico, que ocupou porção consideravel do tempo levado a enfeixar estas velharias, muitas vezes desanimei, tantas outras me empenhei novamente na sua descoberta, até que afinal, convencido de que só um mero acaso me poderia dar a chave do enigma tive de desistir, guardando para futuras indagações a decifração em que tanto empenho tinha posto.

Que variedade de documentos me não passaram pela mão! Escrituras, nobiliarios, autos forenses, habilitações, testamentos, chancelarias, tudo vi, tudo consultei, metodicamente e ao acaso, por indicios e por palpites, sem que conseguisse, embora a muito avançasse, achar a desejada noticia.

O senhor Visconde de Castilho, diz algures, depois de similhante insucesso: «*Terrivel humilhação é a ignorancia*». Tomo a liberdade de fazer minhas as palavras do meu ilustre mestre. É efectivamente triste e humilhante ter de confessar que se não sabe, muito mais quando para isso se empregou o melhor dos nossos esforços.

*

Um dos primeiros documentos que achei com referencia á Cotovia e que me abriu campo a novas pesquizas alcançava o anno de 1632.

Era uma escritura de venda feita em Santarem que se encontra extratada n'um precioso codice manuscrito da Biblioteca Nacional (1).

O linhagista Manço de Lima (autor de um dos melhores nobiliarios que possuimos, e que quasi sempre trabalhava com documentos á vista) alude tambem a essa escritura, tratando da familia dos Soares do Tojal, n'uma nota á margem em que diz, referindo-se a Francisco Soares de Sequeira: «*Vivia ainda na sua quinta da Cotovia, em Lisboa, em 12 de dezembro de 1632, em que deu de arrendamento umas terras em Monção, por escritura feita em Santarem, nas notas de Antonio Pereira, pelo seu procurador, o Dr. João Bernardo de Sampaio de Moraes, Superintendente dos Linhos*». (2)

Combinavam perfeitamente as duas informações. O que restava saber era quem seria este Francisco Soares de Sequeira e onde assentava aquella quinta da Cotovia. Foi o que tratei de indagar.

*

Francisco Soares, o dono da quinta, era o primogenito do casamento de Manuel Soares, Escrivão da Fazenda de el-Rei D. Sebastião e um dos cativos de Alcacer-Kibir e de sua segunda mulher e prima D. Maria de Sequeira. Sucedera a seus paes nos bens da casa, que eram grandes, e casara com D. Maria da Silveira, filha de D. Antonio de Almeida, o cão-morto de alcunha, Contador mór do Reino e de sua mulher D. Catharina Salema.

Desse consorcio nasceram dois filhos e três filhas. Dos primeiros, o mais velho renunciou á progenitura e fez-se dominicano e o segundo professou no Carmo; das senhoras, uma foi religiosa de Santa Clara, outra morreu solteira e a terceira, que era a mais nova, foi a unica que casou levando a seu marido D. Francisco de Faro, Conde de Odemira o seu opulento e cubiçado patrimonio.

Da descendencia deste, das suas alianças e dos baldões em que andou a riquissima casa dos Soares, darei conta mais adiante ao tratar do historico solar desta familia.

*

Manço de Lima aparte, a nota marginal acima transcrita, ainda diz mais que a este Francisco Soares chamavam de alcunha «*o Cotovia*» e acrescenta «*por viver na quinta deste nome*». Pareceu-me logo que aqui havia manifesta confusão do linhagista. O que eu achei aceitavel e deduzi da leitura atenta do nobiliario e da escritura era que lhe chamassem» *o da Cotovia*», o que vim mais tarde a ver confirmado n'uma passagem das «*Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*», apreciavel manuscripto seiscentista que o já falecido Graça Barreto deu á luz da publicidade.

Algures lá vem o seguinte periodo, referindo-se á morte do Duque de Cadaval: «*Ficou-lhe ao duque de Cadaval, uma filha, filha de D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, e com ella os morgados de Francisco Soares, da Cotovia, seu tio*» (1).

(Continúa.)

G. de Mattos Sequeira.

1) Memorias das notas de Santarem, collegidas do cartorio de que é proprietario, neste anno de 1743, Luiz de Sousa Aranha, pelo p.e Luiz Montez Matoso, natural da mesma villa — Mss. 106 da B. N. Fl. 164.

2) Nobiliario de Manço de Lima Mss. da B. N. — Titulo de Soares — Volume D — 4 — 24 — Pag. 854.

1) Nobiliario de Manço de Lima etc. Paginas 70.

Um marido de seis mulheres

(Concluido do numero antecedente)

Em junho de 1509, contrahia solemnemente Henrique as suas primeiras nupcias com a viuva de seu irmão, sendo pouco depois, coroados os regios esposos na imponente cathedral de Westminster com todos os rigores do cerimonial.

Cingia, pois, a corôa britannica a virtuosa filha dos soberanos de Hespanha, personificando, assim, as duas grandes nações, diversas na indole, mas ambas fortes e poderosas, intelligentes e activas e a quem o destino reservára os mais brilhantes papeis no grande palco da vida humana.

Todavia, pobre princeza, nas eminencias da sua posição, tinha a base da ruina; nos fulgores do seu diadema, divisavam-se os traços sombrios da desventura.

Na realidade, não lhe bastaram os crepes prematuros da sua viuvez, necessario foi que dezesete annos de vida conjugal, coroados por um repudio infame, lhe fizessem experimentar desgostos acerbos, humilhações vergonhosas. O rei fascinado pelos encantos da dama de honor Anna Bolena, concebe o escandaloso projecto de annullar o seu casamento, para conduzir ao solio a formosa e gentilissima neta do duque de Norfolk.

A hypocrisia, a violencia, o atropello de todas as leis põem-se em campo para a realisação do grande *negocio* do dementado monarcha.

Serodiamente meticuloso, Henrique começa sentindo escrupulos pelo casamento com a viuva do irmão, julga o seu consorcio illegitimo, reprovavel aos olhos de Deus, que, em punição, lhe arrebatava os entes queridos, particularmente, seus filhos dos quaes lhe restava apenas, a princeza D. Maria, de seis que tivera.

Proclamava, bem alto, a muita estima de que se achava possuido para com sua mulher; nella admirava as mais preclaras virtudes, os melhores dotes de espirito, mas a ideia, de que se deixára dominar, inquietava-o; uma união fóra da mais pura legitimidade enchia-lhe a alma de crueis remorsos; forçoso era, pois, consultar conspicuos theologos, doutas universidades, até a propria infabillidade pontificia, para tranquilisar a sua consciencia, claro está, sempre ao sabôr dos seus cegos e vehementes desejos.

Um tribunal para julgar este vergonhoso e insensato divorcio se constituiu e a elle são chamados o rei e a rainha. Henrique, com a maior impudencia, apresenta-se que a todos indigna. Catharina martyr resignada, ahi, comparece para, na presença dos magistrados, implorar ao seu verdugo, lançada a seus pés, justiça e compaixão!

De nada serviram as supplicas da pobre victima.

«Não é a má vontade contra vós, exclama o rei, são os escrupulos da minha consciencia.»

Refinadissimo farçante!

O tribunal, depois de infructiferas sessões, dissolveu-se sem nada resolver.

Appellava-se para o papa, como ultima instancia, mas o supremo pontifice, superior ás insistencias, ameaças e tentativas de suborno, cumpriu o seu dever e o divorcio não foi acceite.

O soberano inglês furiosamente irritado, despresa a auctoridade papal e casa-se com Anna Bolena com grave escandalo da moral e da fé catholica

A corte de Roma fulmina o bigamo coroado com uma bulla de excommunhão e este arvora-se em chefe da Egreja no seu reino, cortando completamente as relações com o Vaticano.

Emquanto estas scenas vergonhosas se passavam enodoando a purpura britannica, morria, no seu retiro, a desventurada Catharina d'Aragão com a alma attribuladissima dos mais pungentes soffrimentos, com a dignidade offendida pelos mais barbaros vexames, mas desprendia se da vida, que tão ingrata lhe fôra, com a consciencia tranquilla, soltando palavras de perdão para o seu algôz e invocando a piedade do Céo para o homem de quem fôra esposa exemplar.

O rei, por uns restos de pundonor, tomou lucto, mas a *virtuosa* Bolena altiva e jubilosa exclama: «Agora sou rainha», e vestiu-se de côr!...

No emtanto a justiça de Deus não dorme e mal essa mulher, por quem o allucinado Tudor commettêra os maiores desvarios, começava saboreando o fructo da sua obra, já uma das suas damas lhe disputava o logar, a gentil Joanna Seymour.

Tinha, pois, soado e bem depressa, para Bolena, a hora tremenda da punição. Ia expiar a deshumana leviandade com o abandono cruel do rei, com a execração dos vassallos, com o anathema da humanidade.

Presa, accusada de adultera, foi conduzida para a Torre e encarcerada no mesmo quarto, onde pernoitara na vespera da sua coroação e em que recebera as affectuosas homenagens d'aquelle que, subitamente transformado, trocara o amor pelo odio.

Não podendo resignar-se com a sua deploravel situação, Anna Bolena presa do maior desespero, exaltadissima, faz um notavel contraste com Catharina de Aragão. E' que n'uma, havia a innocencia que dá a placidez d'alma, a dôr partilhada por todo o coração humano e justo; ao passo que n'outra, havia a comprehensão do crime e, como premio, a perturbação e o remorso, o supplicio de quem soffre sem commiseração nem piedade.

Sentenciada á morte com a affrontosa accusação de infima mulher, a sua cabeça rolou no cadafalso na manhã de 19 de maio de 1536.

No dia seguinte, o viuvo desposava a linda Joanna Seymour, filha do governador do castello de Bristol.

O parlamento felicitou o soberano pela escolha que fizera e a nova rainha recebeu as insignias régias, embora sem apparatos officiaes.

Mais feliz que as suas antecessôras, o rei não teve tempo para d'ella se enfastiar, porque, decorridos, apenas, 15 mêses, um accidente puerperal pôz termo á existencia de Joanna Seymour.

Escusado será affirmar-se que a terceira viuvez foi, para o *Barba-Azul*, uma contingencia passageira e sem a menor importancia.

A algumas princezas, lançou elle olhares cubiçosos, mas o *instincto da propria conservação*, supplantou, n'essas requestadas senhoras, a ambição das honrarias e um *não* lançado ás faces de tão ridiculo e deshumano personagem foi a resposta de tino e de decencia.

Todavia desistir é, muitas vezes, signal de fraqueza e Henrique não era um *fraco*, pelo contrario, era um *forte*, principalmente em materia de desvergonha. Forçoso era casar-se (assim o queria) e, então, agradando-se da allemã Anna de

Cléves, pelo retrato, visto que nunca vira esta dama, pretendeu desposal-a!

Porém, qual não foi o seu espanto e colera, quando, pela primeira vez, viu a sua quarta noiva! Achou-a feia, desairosa, trajando, sem elegancia, emfim, destituida de todas as graças e encantos de mulher.

Profundamente irritado com Cromwel, promotor d'este casamento a que, com a maior repugnancia, se submettera, jurou, a este ministro, odio de morte e mandou-o para o patibulo, em junho de 1540.

Não podendo resignar-se a viver junto de uma mulher que lhe merecia o epitheto grosseiro de *egua flamenga*, teve, o nosso heroe, artes para promover e justificar a sua separação da princesa de Cléves, aliás, feliz por não ter tido o tragico fim das suas antecessôras, além de merecer as attenções e beneficios que lhe garantiam uma existencia respeitada e tranquilla no paiz de que fôra ephemera soberana.

Occupa o quinto logar, na galeria das mulheres de Henrique VIII, uma menina de dezenove annos, Catharina Howard, prima de Anna Bolena, orfã desde creança e habilmente educada pela sua tia-avó a duqueza de Norfolk. Com as suas graças e maneiras amaveis, captivou o experimentadissimo marido, a ponto de se pensar que esta seria o anjo de paz no lar turbulento e de tão variadas mutações do purpurado britannico.

Porém, completa illusão. A joven rainha, victima de ignobeis calumnias é accusada de trahir a fidelidade conjugal e, provocando os rancores do despotico marido, sobe ao cadafalso, protestando contra a iniquidade da sentença.

Um anno depois, celebrava, festivamente a côrte inglêsa, as novas bodas do seu chefe incorrigivel. D'esta vez e ultima, é uma viuva, em segundos crepes, que se propõe a victima, chama-se Catharina de Parr. Mulher intelligente, instruida e, sobre tudo, muito versada em theologia, sustentou, por vezes, n'esta materia, serias discussões com o esposo que, na qualidade de pontifice da Egreja anglicana, se julgava infallivel na dogmatica religiosa.

Mais ferido no seu irreductivel orgulho que abalado na sua avariada sciencia, rompêra com a soberana theologa e secretamente lhe manda instaurar processo, cujo epilogo seria um simples côrte de cabeça ou um vulgarissimo auto de fé.

Felizmente, suspeitando ou prevenida, a tempo, do fim que lhe estava reservado, a fina rainha mudou de tactica e fez acreditar, ao *bom* marido, que o contrariara em materias de fé, de que o julgava mestre indiscutivel, por mero gracejo ou humana intenção de o distrahir da sua doença.

Estava salva Catharina de Parr.

O rei congraçou-se com a sagaz consorte e em assômos do maior contentamento affirma-lhe: «As tuas palavras fazem-me mais bem do que se tivesse recebido cem mil libras»...

Para vingar as suas desditosas antecessôras, escapava á morte a sexta mulher d'esse homem abominavel, que, pouco tempo depois, teve o triste privilegio de descer á campa sem lagrimas nem saudades.

A humanidade condemna-o e a historia não o absolve.

DAMASCENO NUNES.

Estudos Praticos de Economia e Administração Commercial e Industrial

POR

FLORENCIO J. L. SARMENTO

Ha muito que temos sobre a nossa mesa de trabalho o livro cujo titulo encima estas linhas, e que muito amavelmente nos foi oferecido por seu autor. A importancia da obra e a gentilêsa da óferta detiveram mais nossa atenção no exame do livro, para que della podessemos falar com conhecimento e consciencia, pela muita consideração que temos pelo autor, que não é um novo, e antes largamente experimentado nas lides da imprensa como nas do teatro.

Toda a demora veio, pois, de termos que repartir nosso tempo em tantos trabalhos de momento, que bem pouco nos resta para leituras mais detidas.

Por bem aproveitadas, porém, demos as horas que empregámos nesta leitura, pois não só aprendemos alguma coisa sobre assunto de que pouco sabiamos, mas encontrám'o-nos em frente de um trabalho em que a teoria é amplamente reforçada pela pratica, dando em resultado um livro util e pratico, como poucos se terão publicado em nosso pais.

Numa breve *Advertencia* com que o sr. Florencio Sarmento precede o seu trabalho diz: «Resolvi publicar este livro na persuasão de que a sua leitura seja de alguma utilidade a quem se dedica á vida commercial ou industrial. A minha longa experiencia no commercio, e de guarda-livros de uma das companhias industriaes portuguezas, me incitou a expor em Compendio o producto de algum estudo, e de muita pratica da minha profissão: julguei tambem que estes simples *Estudos* não seriam desaproveitados pela mocidade das classes commercial e industrial — foram portanto estas lisongeiras esperanças, que me desculpam talvez a ousada resolução».

E' na verdade bem modesta a advertencia do autor, quando o seu livro antes devia ser destinado a fazer parte de um curso do ensino oficial nas Escolas ou Institutos do Estado, onde, infelismente nem tudo o que se ensina é de proveito real e utilitario para os estudantes, mau fado dos programas abundarem mais em disciplinas teoricas do que praticas, as de mais reconhecido aproveitamento no ensino moderno.

Não é raro os nossos estudantes sairem das escolas diplomados com suas cartas de curso, recheados de teorias, e terem de pedir á pratica o que necessitam para poderem ganhar a vida, reconhecendo então quanto tempo precioso perderam em certos estudos teoricos, que bem poderiam ter aproveitado em estudos praticos.

FLORENCIO SARMENTO

A classe comercial não é a que menos se resente desta falta; pois bem, nos *Estudos Praticos de Economia e Administração Commercial e Industrial* do sr. Florencio Sarmento, tem um livro de verdadeira utilidade, pois não só a instrue em todo o complicado mecanismo de transações comerciaes, como praticamente a aconselha e revela muitos segredos desse mecanismo, indicando como melhor se devem conduzir, tanto patrões como empregados.

Os *Estudos praticos de Economia e Administração Commercial e Industrial* dividem-se em quatro partes, tratando na: **Primeira parte**: Administração e Economia Commercial — Sociedades anonymas commerciaes — Paradigma da organisação administrativa das sociedades anonymas — Bancos; Organisação, Administração — Paradigma de um Banco — Exegese do serviço administrativo de um banco — Secção de informações, letras a receber e a pagar, emprestimos, averbamentos de acções, dividendos, notas e ordens ao portador, do contencioso, de correspondencia, bancaria, contabilidade — Thesouraria — Considerações sobre administração de bancos. **Segunda parte**: Administração e Economia industrial — Fabricas — Paradigma de uma companhia industrial — Do governo das fabricas — **Terceira parte**: Generalidades commerciaes e industriaes — Dos directores chefes de estabelecimentos commerciaes e industriaes — Escrituração — Balanços — Algumas instrucções technicas de escrituração — Correspondencia — Escritorios — O guarda-livros — Empregados — Praticantes — Licenças e retribuições. **Quarta parte**: Fabricas; Administração — Economia — Exploração — População fabril — Fiscalisação e economia industrial; alvitres — Reflexões á cerca do machinismo das fabricas — Calculo para o preço dos productos industriaes — Escrituração de fabricas pelo systema de *responsabilidades reciproca e successiva* — Norma de regulamentos para fabricas, etc.

Por esta resenha de capitulos se faz ideia da compléxidade da obra que não vae alem de 200 paginas, de boa doutrina concisa, mostrando profundo conhecimento do assunto teorica e praticamente.

E' este o grande merecimento do livro do sr. Florencio Sarmento, escrito em bom português, qualidade que vae sendo um tanto rara, nesta patria de Camões, que para em tudo ir perdendo caráter, até a lingua do seu epico vae mascavando.

Dissémos acima que o sr. Florencio Sarmento não é um novo, que viesse agora a publico com seus trabalhos, não. Afastado ha muito das lides da imprensa, o seu nome figurou vantajosamente no jornalismo português, e dos seus melhores escritos sobre estudos economicos e administrativos se encontram no *Jornal do Commercio*, nos primeiros annos da sua fundação, nos tempos em que não se escalava facilmente o baloarte da imprensa para lá assentar arraiaes.

Naquelle jornal, entre outros artigos do sr. Florencio Sarmento, citaremos os que elle escreveu acerca da cedencia das Aguas, combatendo essa cedencia, e propondo para que fosse a Camara Municipal que realisasse esse grande melhoramento de abastecer as casas de Lisboa com agua, a primeira necessidade hygienica da população, com que teriam sobre tudo a lucrar as classes pobres.

Isto era uma verdadeira innovação, como a não tem as primeiras cidades, mas nem por isso deixava de ser um grande áto de humanidade, de beneficio para a saude publica que valia bem os sacrificios que o municipio tivesse de fazer para o realisar.

Mais modernamente publicou o sr. Florencio Sarmento no OCCIDENTE sob o titulo *Estudos Sociaes, Alvitres para instituição de uma caixa Nacional de pensões*, acompanhados do respectivo projecto, (1) sem encargos para o tesouro publico, e só dependente da administração do Estado. Trabalho importante de bom estudo economico, e que está no espirito das sociedades modernas, resolvendo um dos problemas sociaes de nossos dias.

Como autor dramatico o sr. Florencio Sarmento escreveu varias peças algumas das quaes foram representadas no teatro de D. Maria e no do Principe Real. O primeiro destes teatros pôs em cena em a noite de 7 de dezembro de 1864, para beneficio da átriz Delfina, a sua peça, *No tempo dos francezes*, Comedia-drama em 4 átos e 6 quadros, baseada naquella gloriosa campanha, em que se feriu a celebre batalha do Bussaco e em que o regimento 19, de Cascaes, assinalou uma das paginas mais brilhantes da nossa historia militar. No segnndo teatro citado foi posta em cena na noite de 30 dezembro de 1865 para beneficio da átriz Margarida Clementina, a sua comedia em 3 átos, *A Condessa de Villar*. Estas peças tiveram os aplausos das platéas, e a critica déllas se ocupou.

Pena é que o autor, um tanto desgostoso por não ter merecido o mesmo agrado uma outra comedia sua *A Varinha de Condão*, representada tambem no Principe Real de que era empresario o átor Carlos Santos, se afastasse do teatro, deixando de pôr a publico outros trabalhos dramaticos que tem escrito e de que sabemos os seguintes: *O cabelleireiro poeta* (Domingos dos Reis Quita) drama em 5 átos; comedias, *Caçadores de Casamentos*; *As Aguas Livres*; *Nicolau Tolentino*; *Na feira do Campo Grande*; *Em casa do sr. Rebello*; *O Compadre Barnabé*, etc.

Algumas destas peças, que já tivemos ócasião de lêr, por extrema amabilidade do seu autor, podemos assegurar serem superiores a muitas que para ahi temos visto, e só a excessiva modestia do sr. Florencio Sarmento terá infiuido em seu espirito para assim se retraír.

CAETANO ALBERTO.

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro, 1906

Barometro. — Maxima 769mm,1 em 25.
» Minima 754,mm8 » 31.
Thermometro. — Maxima 28°,0 em 7.
» Minima 11°,6 » 31
Chuva. — 87mm,6 em 10 dias, sendo no dia 20, a

---

(1) Vide OCCIDENTE Vol XXVII n.º 916 pag.as 126 de 1900.

altura pluviometrica de 60mm,1, uma das mais elevadas que se tem notado em Lisboa, no periodo de 24 horas.

Nebulosidade. — Ceu limpo ou pouco nublado 11 dias. — Nublado 18 dias. — Encoberto 2 dias. Trovões em 20.

Hygrometro. — Maxima 100 em 20.
» Minima 27 » 7.

Halos em 25 e 31. — Arco iris em 12.

Temp. medias extremas. — 21,69 em 7.
» » » 13,21 » 31.

NECROLOGIA

Conselheiro Firmino João Lopes

O venerando magistrado cuja morte temos a registrar nesta lutuosa secção, foi um dos jurisconsultos mais respeitaveis pela nobresa de seu caráter, por sua superior intelegencia e pelo culto da relegião do Dever, que nelle éra inquebrantavel.

Nascido no anno de 1828, aos 20 annos de idade concluio a sua formatura em Direito, e em 1850 entrou na carreira administrativa, passando depois a auditor na 5.ª divisão militar, sendo despachado delegado em 1862 e promovido a juiz em 1870.

Como juiz do 2.º districto criminal de Lisboa, foi seu nome bem conhecido nesta cidade, confirmando a fama de magistrado réto, de que vinha precedido; moderado na aplicação das penas, sem quebra da lei, que para elle era sagrada, conquistou assim o respeito publico e ao mesmo tempo a popularidade.

Conselheiro Firmino João Lopes

Em 1889 foi promovido a juiz de 2.ª instancia, e atualmente exercia as funções de juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

A sua vida de magistrado foi das mais longas que se registam no fôro português, e ao mesmo tempo das mais honrosas.

Como politico o conselheiro Firmino João Lopes, filiou-se no partido regenerador pouco tempo depois da sua formatura. Foi eleito deputado em varias legislaturas, par do reino elétivo, governador civil de Bragança, etc., e importantes serviços prestou, quer como funcionario administrativo, quer como parlamentar.

Quando, em 1887, morreu Fontes Pereira de Mello, o conselheiro Firmino João Lopes afastou-se um tanto da politica átiva, e retirou-se á vida do lar e á das suas funções de magistrado. Quando se deu a sisão no partido regenerador, o conselheiro Firmino João Lopes, já no ultimo quartel da vida, deixou-se influenciar pela nova fáção partidaria e filiou-se no partido regenerador-liberal, sendo eleito presidente do Centro que este partido fundou em Lisboa, em 1903.

O nome respeitavel do conselheiro Firmino João Lopes era uma grande força para o novo partido, que hoje pranteia a sua falta.

O conselheiro Firmino João Lopes, fôra ha pouco nomeado par do reino pelo atual governo, logar de que, infelizmente, não chegou a tomar posse, por motivo da doença que o vinha avassalando e de que afinal foi vitima, falecendo no dia 26 de outubro findo.

A sua respeitavel familia enviamos as nossas condolencias.